

# FITOTERÁPICOS UTILIZADOS NA MEDICINA VETERINÁRIA, EM CÃES E GATOS

## **ANDRÉIA TIEMI OZAKI;**

Endereço: Rua Profº Miguel Russiano nº 372  
Vl. Aricanduva. CEP: 03502-030. São Paulo-SP.  
Telefone: (11) 69418747 Celular: (11) 91363873  
E-mail: andreia.ozaki@terra.com.br

## **PAULA DA CUNHA DUARTE**

Endereço: Rua Cantagalo, nº 612 ap 21  
Tatuapé. CEP: 03319-000. São Paulo- SP.  
Telefone: (11) 61938596 Celular: (11) 74434444  
E-mail: p.cduarte@yahoo.com.br

## **UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI – UAM.**

Rua Dr. Almeida Lima, 1.134 – Brás.  
CEP: 03046010. São Paulo – SP. Brasil.  
Tel: 0800 0159020.  
E-mail: www.anhembibr

## **INTRODUÇÃO**

Dos métodos utilizados em terapia na Medicina Natural, a fitoterapia é, sem dúvida, um dos mais antigos. Dele já lançava mão o homem pré-histórico, que aprendeu, como os animais, a distinguir as plantas comestíveis daquelas que podiam ajudá-lo a sanar suas moléstias (YWATA *et al*, 2005).

A fitoterapia constitui uma forma de terapia medicinal que vem crescendo, notadamente, nestes últimos anos, tanto que, atualmente, o mercado mundial de fitoterápicos gira em torno de aproximadamente 22 bilhões de dólares (YUNES *et al*, 1999).

Até bem pouco tempo, as indústrias farmacêuticas não valorizavam nem investiam em extratos de plantas medicinais. Os preconceitos que cercava os produtos fitoterápicos ainda existem, hoje em dia, mas já se podem observar mudanças neste conceito. O preconceito aumenta devido ao uso indevido e sem conhecimento de ervas medicinais (BOBANY, 2006).

Como a utilização de fitoterápicos em humanos já é bastante difundida, neste trabalho, através de levantamentos bibliográficos, vamos abordar o uso de fitoterápicos de interesse em Medicina Veterinária, comprovando, assim, a possibilidade de seu uso nesta terapêutica.

Apenas 1% do mercado de fitoterápicos, no País, é voltado ao segmento veterinário. Porém, é o setor que mais cresce - cerca de 25% ao ano. Hoje, os fitoterápicos já representam 6,7% do mercado total de medicamentos (QUINTELA, 2004).

Em busca da diminuição de efeitos colaterais provocados pela alopatia e no anseio de técnicas mais persona-

lizadas, donos de animais de estimação já encontram no mercado produtos alternativos e profissionais gabaritados na área da Medicina Veterinária (MOLIN, 2006). Por ser uma Medicina Alternativa, a fitoterapia pode ser uma opção do veterinário, ao escolher entre o remédio alopático, o produto fitoterápico, ou o uso concomitante dos dois (BOBANY, 2006).

As vantagens conseguidas no tratamento com plantas medicinais são inegáveis. A excelente relação custo/benefício (ação biológica eficaz com baixa toxicidade e efeitos colaterais), deve ser aproveitada, uma vez que a natureza oferece gratuitamente a cura para as doenças. Sua forma de ação é um efeito somatório ou potencializador de diversas substâncias de ação biológica suave e em baixa posologia, resultando num efeito farmacológico identificável. O uso de plantas medicinais para tratamento de doenças passou a ser oficialmente reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (SUSA, 2006).

Um veterinário experiente em fitoterapia vai, com certeza, encontrar a planta certa para cada caso. Atualmente, dispomos no mercado de laboratórios fitoterápicos sérios, de qualidade comprovada que produzem produtos fitoterápicos totalmente naturais, nas concentrações certas de plantas cultivadas especialmente para servirem de remédio. Também as farmácias de manipulação fornecem os concentrados de plantas da mais alta pureza (BOBANY, 2006).

## **DOSAGEM EM MEDICINA VETERINÁRIA**

A Medicina Veterinária, semelhante à Medicina humana, emprega medicamentos nas várias formas e concentra-

ções para o tratamento de doenças, e os farmacêuticos são frequentemente solicitados para manipular ou dispensar medicamentos de prescrições de veterinários (ANSEL, 2005).

O cálculo da dosagem é geralmente baseado na sua área de superfície corporal (BSA, *body surface area*). Embora os métodos de cálculo sejam os mesmos, tanto para pacientes humanos como animais, existem diferenças substanciais nos níveis de dosagem de medicamentos e nos valores da BSA, conforme demonstrado na Tabela 1 para a determinação da BSA de cães e gatos (ANSEL, 2005).

#### Dose com base na área de superfície corporal

A BSA de um animal pode ser usada na determinação da dose do medicamento. Tabelas específicas têm sido

desenvolvidas para a determinação da BSA de pequenos animais (ANSEL, 2005). Para calcular a dosagem com base na BSA, precisa-se substituir o peso do animal pelo valor de BSA (em m<sup>2</sup>) indicado na Tabela de conversão de peso para área de superfície corporal para cães e gatos (ANSEL, 2005).

**Por exemplo:** A dosagem indicada de Cardo santo para humanos é de 60mg/kg. Quanto eu usaria para um cachorro de 10 kg?

$$\begin{aligned} \text{Cão de 10kg} &= 0,46 \text{ m}^2 \text{ BSA} \\ \frac{60\text{mg/m}^2 \times 0,46 \text{ m}^2}{\text{m}^2} &= 27,6\text{mg} \end{aligned}$$

**Resposta: 27,6 mg**

**Tabela 1.** Conversão de peso para área de superfície corporal para cães e gatos.

$$\text{BSA} = K \times (\text{peso corporal em gramas}^{2/3}) \times 10^{-4}$$

*K = constante (10,1 para cães e 10,0 para gatos)*

| C Ã E S            |                       |                    |                       | G A T O S          |                       |
|--------------------|-----------------------|--------------------|-----------------------|--------------------|-----------------------|
| Peso Corporal (kg) | BSA (m <sup>2</sup> ) | Peso Corporal (kg) | BSA (m <sup>2</sup> ) | Peso Corporal (kg) | BSA (m <sup>2</sup> ) |
| 0,5                | 0,06                  | 26                 | 0,88                  | 0,5                | 0,06                  |
| 1                  | 0,10                  | 27                 | 0,90                  | 1,0                | 0,10                  |
| 2                  | 0,15                  | 28                 | 0,92                  | 1,5                | 0,12                  |
| 3                  | 0,20                  | 29                 | 0,94                  | 2                  | 0,15                  |
| 4                  | 0,25                  | 30                 | 0,96                  | 2,5                | 0,17                  |
| 5                  | 0,29                  | 31                 | 0,99                  | 3                  | 0,20                  |
| 6                  | 0,33                  | 32                 | 1,01                  | 3,5                | 0,22                  |
| 7                  | 0,36                  | 33                 | 1,03                  | 4                  | 0,24                  |
| 8                  | 0,40                  | 34                 | 1,05                  | 4,5                | 0,26                  |
| 9                  | 0,43                  | 35                 | 1,07                  | 5                  | 0,28                  |
| 10                 | 0,46                  | 36                 | 1,09                  | 5,5                | 0,29                  |
| 11                 | 0,49                  | 37                 | 1,11                  | 6                  | 0,31                  |
| 12                 | 0,52                  | 38                 | 1,13                  | 6,5                | 0,33                  |
| 13                 | 0,55                  | 39                 | 1,15                  | 7                  | 0,34                  |
| 14                 | 0,58                  | 40                 | 1,17                  | 7,5                | 0,36                  |
| 15                 | 0,60                  | 41                 | 1,19                  | 8                  | 0,38                  |
| 16                 | 0,63                  | 42                 | 1,21                  | 8,5                | 0,39                  |
| 17                 | 0,66                  | 43                 | 1,23                  | 9                  | 0,41                  |
| 18                 | 0,69                  | 44                 | 1,25                  | 9,5                | 0,42                  |
| 19                 | 0,71                  | 45                 | 1,26                  | 10                 | 0,44                  |
| 20                 | 0,74                  | 46                 | 1,28                  |                    |                       |
| 21                 | 0,76                  | 47                 | 1,30                  |                    |                       |
| 22                 | 0,78                  | 48                 | 1,32                  |                    |                       |
| 23                 | 0,81                  | 49                 | 1,34                  |                    |                       |
| 24                 | 0,83                  | 50                 | 1,36                  |                    |                       |
| 25                 | 0,85                  |                    |                       |                    |                       |

(ANSEL, 2005)

### Distúrbios gastrintestinais

A gastrite crônica e aguda é uma doença comum nos cães e gatos; sendo a crônica classificada com base nas características histológicas, como o tipo de infiltrado inflamatório e a presença de fibrose, atrofia ou hipertrofia da mucosa. A aguda, geralmente é uma afecção autolimitada e suave que raramente justifica a confirmação com biópsia; seu diagnóstico clínico é feito quando ocorre vômito agudo sem causa aparente (BIRCHARD et al, 1998).

Corpos estranhos gástricos, vômitos, obstrução do fluxo gástrico, distúrbios da motilidade gástrica, diarreia, infecções virais e parasitas, protozoários do intestino e úlcera, são também doenças gastrintestinais que comumente afetam esses animais (BIRCHARD et al, 1998).

As plantas apresentadas possuem ação comprovada no tratamento de algumas doenças gastrintestinais em cães e gatos, porém, a maioria das informações são baseadas em literatura humana, pois a literatura de ervas em veterinária é relativamente rara. As doses foram calculadas, referente ao peso humano citado na literatura e não são específicas para dosagens veterinárias (BERSCHNEIDER, 2002).

A *Aloe vera* pode ser usada na constipação, mas é contra indicada para obstrução intestinal e sobretudo para inflamações intestinais. Ela também tem sido prescrita por ter atividade imunoestimulante em feridas e potencialmente inibidor da ciclooxigenase. O uso crônico pode resultar na deficiência de potássio de acordo com a Comissão Germânica e monográfica. Seus efeitos primários são laxativos. Extratos patenteados são comercializados para minimizar esses efeitos em feridas. Doses diárias de 0,3 a 0,4 mg/kg podem provocar efeitos laxantes. Prescrições acima de 1500mg/kg desses extratos patenteados têm sido administradas sem observação de efeitos colaterais em cachorros (BERSCHNEIDER, 2002).

A casca do Sabugueiro tem propriedades diuréticas, adstringentes, hemostática locais e cicatrizante. Já os seus frutos são diuréticos. Em doses médias são laxantes e em doses maiores têm ação purgativa. Deve-se estar atento, pois quando o fruto está insuficientemente maduro, pode causar diarreia (CUNHA et al, 2003).

As habilidades da Calêndula para obter a epitelização e suas propriedades antiinflamatórias são potencialmente usadas na cicatrização de lesões de úlceras gástricas, orais e gastrite. A administração dessa droga é uma colher de chá da erva em pó, num copo de água, quando necessário (BERSCHNEIDER, 2002).

A Camomila tem ação antiespasmódica, antioxidante e antibactericida; tem sido usada no tratamento de úlceras intestinais e gástricas, gastrite e espasmos gastrintestinais, assim como doenças inflamatórias intestinais. A dosagem humana é de um copo, preparado como chá, ou seja, 3g de

camomila desidratada em 150 mL de água fervente. Doses em pequenos animais devem ser proporcionais embora nenhum efeito colateral tenha sido documentado na ingestão de doses excessivas (BERSCHNEIDER, 2002).

O Gengibre é comumente usado para dispepsia e doenças motoras, ele tem propriedade antiemética, ajuda na secreção de saliva e sucos gástricos e é antiespasmódico. A dosagem de 30 a 60mg/kg ao dia de sua raiz na água (chá) é sugerida (BERSCHNEIDER, 2002).

O Hidraste apresenta propriedades antibacteriana, antifúngica, adstringente e antiangiárdica. Tonifica as membranas mucosas e melhora o tônus muscular do estômago e intestinos, melhorando o apetite e a digestão; devido a estes efeitos na tonificação muscular, seu uso durante a gravidez deve ser cauteloso. Seu uso em pacientes ictericos é contra indicado. A dosagem sugerida é proporcional à dosagem humana (BERSCHNEIDER, 2002).

O Alcaçuz contém muitos tipos de derivados e tem sido usado em úlcera gástrica e gastrite. Ele tem propriedades antiinflamatórias e colerética e pode diminuir a produção de HCL, através de inibidores gástricos. Algumas referências indicam potencial contra indicação em pacientes com distúrbios estomacais ou insuficiência renal séria. Algumas outras sugerem que o alcaçuz pode ser um protetor estomacal. Cuidados são necessários. A dosagem sugerida é de 75 a 150 mg/kg (da raiz) ao dia (BERSCHNEIDER, 2002).

A Hortelã tem propriedades antiespasmódica, carminativa e antibacteriana. Ela tem sido usada na prevenção de náuseas e espasmos gastrintestinais e flatulências. A dosagem indicada é de 1 a 2 gotas de óleo a cada 10 kg diariamente misturada na comida ou na água (BERSCHNEIDER, 2002).

O Dente de leão é estimulante do apetite e diurético, estimula o líquido biliar, dispepsia e possível flatulência. Tradicionalmente, é usado no tratamento de doenças hepatocelulares e contra indicado nos casos de obstrução do ducto biliar e doenças colestáticas. Devido a seus efeitos diuréticos, a hidratação dos pacientes deve ser monitorada. A dose é 1 a 2 gotas de chá ou tintura a cada 10 kg, 3 vezes ao dia (BERSCHNEIDER, 2002).

O Funcho ajuda na mobilidade gastrintestinal, é antiespasmódico em altas concentrações e usado no tratamento de flatulências. A dosagem é de 50 a 100 mg/kg diariamente (BERSCHNEIDER, 2002).

A Genciana é usada no tratamento para falta de apetite e flatulência. Aumenta a salivação e secreção de sucos gástricos, sendo contra indicado em úlceras gástricas e intestinais e pode aumentar a secreção bronquial em alguns animais. A dosagem é de 30 a 50 mg/kg diariamente (BERSCHNEIDER, 2002).

O Pisilium é indicado em distúrbios estomacais e constipação e é usado também para diarreia. Dose diária 1,5 a 5 g (BERSCHNEIDER, 2002).

O Sene é usado como laxante sendo contra indicado em casos de obstrução intestinal. Doses diárias de 0,3 a 0,4 mg/kg para os efeitos laxantes pretendidos (BERSCHNEIDER, 2002).

A Mil folhas têm propriedades antiespasmódicas, adstringente e antibacteriana, e tem sido documentados seu uso no tratamento da perda de apetite, dispepsia e espasmos intestinais. A dosagem recomendada é 65 mg/kg ao dia (BERSCHNEIDER, 2002).

O Mentrasto apresenta propriedades antiespasmódicas, é usado no tratamento psicotrópico de gatos, ajuda no tratamento da digestão, dispepsia e flatulência (BERSCHNEIDER, 2002).

A Cáscara sagrada é usada como laxante. Dosagem indicada: 0,3 a 0,4mg/kg ao dia (BERSCHNEIDER, 2002).

A Linhaça é usada na constipação, gastrite, diverticulite e enterite; contém muitas fibras e óleos. Ela deve ser mantida refrigerada com ventilação mínima para preservar os valores do óleo. A dosagem recomendada é de 1/4 à meia colher de chá, 2 a 3 vezes ao dia (BERSCHNEIDER, 2002).

A Nogueira e o Ulmeiro menor são usados para diarreia (BERSCHNEIDER, 2002). Recomenda-se usar a noqueira quando não houver gastrite e úlceras gastroduodenais (CUNHA et al, 2003).

A Picrorriza é usada no tratamento de problemas do fígado e tratamento crônico de problemas nos brônquios (BERSCHNEIDER, 2002). É hepatoprotetora e pode ser usada como tintura ou extrato encapsulado (CUNHA et al, 2003).

O Cardo mariano é uma das mais antigas ervas medicinais conhecidas. Possui efeito hepatoprotetor, antiinflamatório e antifibrótico. Seus componentes não são solúveis em água, portanto a erva deve ser encapsulada e extratificada. Nenhuma toxicidade tem sido relatada em humanos e animais (BERSCHNEIDER, 2002).

A Urtiga e a Grama apresentam ação diurética e antiinflamatória, porém a grama possui ainda uma ação ligeiramente anti-séptica (CUNHA et al, 2003).

O Cardo santo é um digestivo amargo que também pode estimular a secreção de sucos gástricos e saliva, é usual no tratamento de dispepsia atônica e falta de apetite; a dosagem diária recomendável é de 60 a 90 mg/kg de erva seca (desidratada) (BERSCHNEIDER, 2002).

A catinga de mulata é usada no tratamento da falta de apetite e é analgésica nos espasmos gastrintestinais. Dose recomendada de 2 a 5 g por dia. Devido à sua toxicidade, recomenda-se usar apenas medicamentos padronizados e deve-se evitar a administração do óleo essencial (CUNHA et al, 2003).

A Caiena ajuda na circulação do sangue, assim como na secreção de muco e sucos gástricos e intestinais. Pode ser usada como estimulante na má digestão e no tratamento de flatulências (BERSCHNEIDER, 2002).

Cenoura crua ralada ou alho cru ralado (uma colher de chá) misturados na comida, podem aliviar a constipação em cães e gatos. Tal mistura pode ser usada algumas vezes. Durante uma semana como preventivo, ou adicionar de meia colher de chá a uma colher de sopa de farelo de trigo nas refeições, enquanto necessário. Um pouco de leite, óleo de oliva ou manteiga derretida também são laxantes para os animais. Para constipação em gatos usa-se uma colher de chá de farelo de trigo misturado com meia colher de chá de manteiga. Também se usa cascas secas de frutas com água como laxante (STEIN, 1993).

Na tabela 2 é apresentado um resumo das principais plantas utilizadas no tratamento de problemas gastrintestinais, seus nomes científicos, família botânica, nome popular e qual a parte utilizada como fitoterápico.

**Tabela 2.** Plantas usadas para problemas gastrintestinais.

| Nome Científico                  | Família Botânica | Nome Popular | Parte Usada            | Ref.                                    |
|----------------------------------|------------------|--------------|------------------------|---|
| <i>Achillea millefolium</i> L.   | Compositae       | Mil folhas   | Planta toda            | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |
| <i>Agropyron repens</i> L beauv  | Poaceae          | Grama        | Rizoma e raiz          | VIEGI et al, 2003<br>ALONSO, 1998       |
| <i>Aloe vera</i> L.              | Liliaceae        | Babosa       | Seiva das folhas       | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |
| <i>Berberis vulgaris</i> L.      | Berberidaceae    | Uva espim    | Cascas do caule e raiz | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |
| <i>Calendula officinalis</i> L.  | Asteraceae       | Calêndula    | Flores, folhas e caule | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |
| <i>Cnicus Benedictus</i> L.      | Asteraceae       | Cardo santo  | Partes aéreas floridas | BERSCHNEIDER, 2002<br>CUNHA et al, 2003 |
| <i>Capsicum annum</i> L.         | Solanáceas       | Caiena       | Fruto fresco ou seco   | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |
| <i>Cassia angustifolia</i>       | Leguminosae      | Sene         | Folíolos               | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |
| <i>Foeniculum vulgare</i> gaert. | Umbelliferae     | Funcho       | Sementes               | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |

| Nome Científico                           | Família Botânica | Nome Popular      | Parte Usada                                | Ref.                                    |
|---|------------------|-------------------|--|---|
| <i>Gentiana lutea</i> L.                  | Gentianáceas     | Genciana          | Rizoma e raiz                              | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |
| <i>Glycyrrhiza glabra</i> L.              | Fabaceae         | Alcaçuz           | Raiz                                       | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |
| <i>Helleboms foetidus</i> e <i>odorus</i> | Ranunculaceae    | Heléboro verde    | Raiz                                       | VIEGI et al, 2003<br>ALONSO, 1998       |
| <i>Hydrastis canadensis</i> L.            | Ranunculaceae    | Hidraste          | Raiz e rizoma                              | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |
| <i>Juglans regia</i> L                    | Juglandaceae     | Nogueira          | flores                                     | VIEGI et al, 2003<br>CUNHA et al, 2003  |
| <i>Linum usitatissimum</i> L.             | Linaceae         | Linhaça           | Semente e óleo de semente                  | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |
| <i>Matricaria chamomilla</i>              | Asteraceae       | Camomila          | Capítulos secos                            | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |
| <i>Mentha piperita</i>                    | Labiatae         | Hortelã           | Folhas e sumidades florais                 | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |
| <i>Nepeta cataria</i> L.                  | Lamiaceae        | Mentrasito        | Partes aéreas da flor                      | BERSCHNEIDER, 2002<br>CUNHA et al, 2003 |
| <i>Picrorhiza kurroa</i>                  | Escrofulariáceas | Picrorriza        | Rizoma e raiz                              | BERSCHNEIDER, 2002<br>CUNHA et al, 2003 |
| <i>Plantago psyllium</i> L.               | Plantaginaceae   | Pisilium          | Semente                                    | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |
| <i>Rhamnus purshiana</i> D.C              | Rhamnaceae       | Cáscara sagrada   | Casca seca                                 | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |
| <i>Ruta chalepensis</i> L                 | Rutaceae         | Arruda            |  | VIEGI et al, 2003<br>ALONSO, 1998       |
| <i>Sambucus nigra</i> L                   | Loniceracea      | Sabugueiro        | Folhas, flores, cascas e frutos            | VIEGI et al, 2003<br>ALONSO, 1998       |
| <i>Silybum marianum</i> L.                | Asteraceae       | Cardo mariano     | Frutos secos                               | BERSCHNEIDER, 2002<br>CUNHA et al, 2003 |
| <i>Solanum tuberosum</i> L                | Solanaceae       | Batata            | Tubérculos.                                | VIEGI et al, 2003<br>ALONSO, 1998       |
| <i>Tanacetum vulgare</i> L                | Asteraceae       | Catinga de mulata | Folhas                                     | VIEGI et al, 2003<br>ALONSO, 1998       |
| <i>Taraxacum officinale</i> weber         | Compositae       | Dente de leão     | Rizoma, folhas, inflorescência e sementes. | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |
| <i>Ulmus campestris</i> L.                | Ulmáceas         | Ulmeiro menor     | Casca                                      | BERSCHNEIDER, 2002<br>CUNHA et al, 2003 |
| <i>Urtica dióica</i> L                    | Urticaceae       | Urtiga            | Folhas frescas ou secas e raiz.            | VIEGI et al, 2003<br>ALONSO, 1998       |
| <i>Zingiber officinale</i>                | Zingiberiaceae   | Gengibre          | Rizoma e óleo essencial                    | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998      |

## PLANTAS USADAS COMO ANTIHELMÍNTICO

A folha de Tabaco com álcool pode ser passada com um algodão no nariz do cachorro eliminando os parasitas que ficam depositados no mesmo (LANS et al, 2000).

Guandu manipulado com sal e mel, ou apenas a sua decoção é dado ao cachorro para matar parasitas internos (LANS et al, 2000).

O óleo da Erva-Santa é usado contra *Toxascaris* e *Toxocara* em cachorros (HAMMOND et al, 1997).

A casca do Mamão e suas folhas também são usadas para cães com vermes. A Grama e a Nogueira são outras opções de antielmínticos (CUNHA et al 2003). Misturando-se a grama com óleo de oliva e sal obtêm-se um líquido que é dado ao cachorro (LANS et al, 2000).

O mais comum dos remédios é a decoção dos galhos do algodão; que é dado ao cão para beber com leite ou misturado em sua comida. A dose frequentemente descrita é de 1 ou 2 folhas. Duas folhas para um cachorro pequeno, com até 16 kg, e 4 ou 5 folhas para um cachorro grande, com mais de 25 kg. A dose é feita de meia colher de chá ou 2,5 ml. Os cachorros devem ser amarrados por muitas horas após administração desse remédio, pois ele possui forte efeito purgativo (LANS et al, 2000).

## PROBLEMAS DA PELE

A pele de cães e gatos pode ser afetada por infecções causadas por fungos, bactérias, protozoários e parasitas, dermatite alérgica a pulgas, sarnas, alopecia, cortes, quei-

maduras, lesões e feridas decorrentes não só de algum tipo de acidente, mas também decorrentes de algumas doenças (BIRCHARD et al, 1998).

Micoses tanto em animais quanto em humanos nem sempre são satisfatoriamente tratadas; já que os remédios antifúngicos disponíveis são por vezes, ineficientes, além de apresentarem efeitos colaterais com decorrente desenvolvimento de resistência (SELITRENNIKOFF, 2001).

Como antifúngicos são usados os extratos de *Pterocaulon* que possuem grande espectro de atividades contra patógenos oportunistas responsável pelos maiores sistemas fúngicos, assim, *P. alopecuroides*, *P. interruptum* e *P. polystachyum* possuem componentes positivos no uso contra infecções fúngicas em seres humanos e animais (STEIN, 2005).

A polpa de calabça (*Crescentia cujete*) é aplicada em dermatites, cortes, queimaduras de sol e problemas de pele de cachorros. Ele tem propriedades repelentes contra pulgas (LANS et al, 2000). O crisântemo de jardim também possui propriedades repelentes para cães e gatos (BERSCHNEIDER, 2002). O extrato de neem é usado no controle de parasitas e também como repelente (OLIVEIRA et al, 2005).

Na tabela 03, estão citadas algumas plantas utilizadas para o tratamento de problemas na pele de cães e gatos.

Muitos animais de estimação sofrem de reações alérgicas resultantes de mordidas de pulgas e passam mal durante todo o verão com as conseqüentes lesões cutâneas. Ministrando uma combinação de levedo de cerveja e alho (cru ou em pó) torna os cães e gatos menos atraentes para as pulgas e consegue-se o mesmo efeito colocando uma colher de chá de vinagre de maçã na água que eles bebem todos os dias. Ao invés de coleiras químicas contra pulgas, que contêm gases, e que também provocam alergias em muitos cães e gatos, pode ser usado uma coleira herbácea impregnada com óleo de poejo, citronela, cedro ou eucalipto (STEIN, 1993).

Para coceiras na pele, também, é indicado massagear o local com rince de limão (Fazer um chá de erva, derramando meio litro de água fervente sobre um limão novo, partido e com casca, de molho, durante 24 horas). A casca do salgueiro também é um anti-histamínico. Mas não deve ser ministrado a gatos. Outro é o kyolic, alho sem odor, encontrado sob forma líquida ou cápsula, que também é desintoxicante (STEIN, 1993).

A *Anemone hortensis L* é usada para cura de envenenamento (PIERONI, 2004).

Para a cura de alergias utilizando ervas é aconselhável começar o tratamento com alguns dias de jejum para elimi-

**Tabela 3.** Plantas usadas como repelentes e para problemas de pele e pêlo.

| Nome Científico                | Família Botânica  | Nome Popular           | Parte Usada            | Ref.                                      |
|--------------------------------|-------------------|------------------------|------------------------|---|
| Allium sativum L.              | Liliáceas         | Alho                   | Bulbo                  | CUNHA et al, 2003<br>STEIN, 1993          |
| Aloe vera L.                   | Liliaceae         | Babosa                 | Seiva das folhas       | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998        |
| Azadirachta indica A.          | Meliaceae         | Neem                   | Folhas e casca         | OLIVEIRA et al, 2005<br>CUNHA et al, 2003 |
| Bixa orellana                  | Bixáceas          | Urucum                 | Sementes e folhas      | LANS et al, 2000<br>CUNHA et al 2003      |
| Calendula officinalis L.       | Asteraceae        | Calêndula              | Flores, folhas e caule | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998        |
| Capsicum annum L.              | Solanáceas        | Caiena                 | Fruto fresco ou seco   | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998        |
| Hydrastis canadensis L.        | Ranunculaceae     | Hidraste               | Raiz                   | BERSCHNEIDER, 2002<br>ALONSO, 1998        |
| Hypericum perforatum L.        | Hipericáceas      | Erva de são João       | Partes aéreas floridas | CUNHA et al, 2003<br>STEIN, 1993          |
| Juglans regia L                | Juglandaceae      | Nogueira               | Folhas                 | VIEGI et al, 2003<br>ALONSO, 1998         |
| Melilotus officinalis L        | Fabáceas          | Trevo dos prados       | Parte aérea florida    | CUNHA et al, 2003<br>STEIN, 1993          |
| Saccharomyces cerevisiae Meyen | Sacaromicetáceas  | Levedura de cerveja    | Pó                     | CUNHA et al, 2003<br>STEIN, 1993.         |
| Salix alba L                   | Salicáceas        | Salgueiro              | Casca                  | CUNHA et al, 2003<br>STEIN, 1993          |
| Tanacetum Parthenium           | Asteraceae        | Crisan-temum de jardim | Partes aéreas          | GUARRERA, 2004<br>ALONSO, 1998            |
| Verbascum sp                   | Scrophularia ceal | Verbasco               | Folhas, flores e raiz. | VIEGI et al, 2003<br>ALONSO, 1998         |
| Viola tricolor L               | Violáceas         | Violeta Azul           | Parte aérea florida    | CUNHA et al, 2003<br>STEIN, 1993          |

nar as toxinas, seguido de alimentos integrais ou uma dieta sem conservantes e apoiar o processo de desintoxicação com enemas de água quente e ervas como dente de leão ou trevos dos prados. Todas estas ervas podem ser usadas para alergias de cães e gatos; apenas com diferença na dosagem; para os cães as doses são maiores (STEIN, 1993).

Para problemas na pele e pelagem um remédio clássico é lavar as áreas com uma infusão fria de folha de Violeta azul e Trevo dos prados, essa receita tem sido eficaz até para cânceres de pele, podendo também ser ingerida. Uma outra opção é o hidraste.

O hidraste é usado para problemas na pele e pelagem do animal (STEIN, 1993), é também usado em problemas gastrintestinais e possui ação antifúngica (CUNHA et al, 2003).

O chá ou infusão de hidraste é usado para lavar ou em compressas nos locais ulcerados, principalmente onde houver pus. Hidraste pode ser usada em ferimentos, cortes e queimaduras não tão graves, pulverizando-o em forma de pó diretamente sobre o ferimento onde o sangramento é renitente. A pimenta de caiena tem o mesmo efeito, porém arde. A tintura de hidraste, cinco gotas em uma xícara ou menos de água pura, pode ser usada para limpar cortes e ferimentos, bem como para irrigar abscessos e no enxágüe final, é aconselhável adicionar cinco gotas de tintura de calêndula para apressar a cura. O mel com calêndula ou mel com comfrey também funcionam como um ótimo cataplasma para queimaduras, assim como a polpa de batata crua ralada (STEIN, 1993). O uso externo da calêndula é sempre indicado quando se pretende obter uma ação anti-séptica, antiinflamatória e cicatrizante (CUNHA et al, 2003).

Queimaduras (de primeiro ou segundo grau, escaldaduras) devem ser tratadas primeiramente mergulhando a área queimada em água fria por, pelo menos, dez a quinze minutos. Depois deve se banhar a área com vinagre de maçã e, em seguida aplicar uma camada grossa de mel sobre a queimadura. Para gatos com infecções, echinacea ou hidraste em compressa (e também ingeridas) funciona como antibiótico, mas é preciso manter o animal com tal medicação durante alguns dias, até que a infecção esteja curada (STEIN, 1993).

A OMS indica o gel de *Aloe vera* para o tratamento de queimaduras de primeiro ou segundo grau ou irritações da pele (CUNHA et al, 2003). A *Aloe vera* também é eficaz para tratar a pele e o pêlo de animais e é a erva clássica para queimaduras. Se houver uma ulceração prurida, inflamada, renitente, pode se misturar a ela três cápsulas de alho diariamente, ou colocar um quarto ou um dente inteiro de alho ralado diariamente na comida do animal e no caso de queimaduras, retire uma folha da planta e use o gel, que também pode ser usado com a vitamina E. Aumente a quantidade de vitamina C durante o tratamento para impedir infecções (STEIN, 1993).

A Tintura de *Hypericum* (erva de São João) ingerida diminui a dor e acelera a cura, quando os tecidos foram dilacerados ou os nervos danificados (STEIN, 1993). A Erva de São João pode também ser usada externamente; seu óleo, obtido por maceração é usado em mialgias e queimaduras ligeiras. Quando os cortes forem mais graves, usa-se a raiz da echinacea, principalmente *E. angustifolia* e *E. pallida* (CUNHA et al, 2003) ou alho internamente para prevenir infecções (STEIN, 1993).

O Verbasco é usado para dermatites, queimaduras e é antialérgico. A Nogueira internamente é usada como antielmíntico, e externamente em inflamações cutâneas, além de apresentar também ação antifúngica (CUNHA et al, 2003).

O mange é uma doença causada por ácaros (*Demodex canis*) que vivem na raiz do pêlo dos animais, só abandonando essa localização após multiplicação intensa, causando graves desordens na pele dos animais (COTRAM et al, 2000). Para o tratamento desta doença, folhas de bambu combinadas com "black sage" (espécie do gênero *Salvia*) são administradas via banho ao cão (LANS et al, 2000). O urucum (*B. orellana*) pode ser usado no tratamento de mange. A vagem do urucum é quebrada e suas sementes são friccionadas na área da pele do animal que apresenta sinais do mange. Algumas pessoas preferem banhar o animal primeiro com vários produtos, e depois, aplicar o urucum. O extrato de *B. orellana* pode ser usado em micoses cutâneas (CUNHA et al, 2003), e têm sido responsável pela causa de hiperglicemia em cachorros quando é dado ao cachorro em quantidades de 2 g por dia, durante 14 dias. A polpa da calabaza (*Crescentia cujete*) pode ser aplicada externamente em cães afetados. Em casos leves, o mange também pode ser tratado com a água de bananeira; o sulco retirado da bananeira é aplicado em casos leves de mange (LANS et al, 2000).

## SISTEMA NERVOSO

As plantas medicinais citadas na Tabela 04 são de uso calmante, sedativo e relaxante para cães e gatos.

A passiflora pode ser usada em excitações constantes de cães com propensão a convulsões. Recomenda-se 2 ml de tintura, três vezes ao dia por 90 dias e lúpulo – tintura 2 a 3 ml ao dia, durante 21 dias (CAVALCANTI, 1997).

O Mentrasto, além de suas propriedades citadas anteriormente, é usado no tratamento psicotrópico de gatos (BERSCHNEIDER, 2002) controle da ansiedade e insônia (CUNHA et al, 2003).

A Valeriana é usada como sedativo, relaxante muscular e indutor de sono (CUNHA et al, 2003).

É recomendada uma cápsula de ginseng durante três dias, associada a *Fumaria officinalis* para o tratamento de stress em cães, e em tintura, 15 ml ao dia, divididos em 3 doses de 5 ml (CAVALCANTI, 1997).

**Tabela 4.** Plantas usadas para problemas do sistema nervoso.

| Nome Científico         | Família Botânica | Nome Popular  | Parte Usada           | Ref.                                  |
|-------------------------|------------------|---------------|-----------------------|---------------------------------------|
| Valeriana officinalis L | Valerianaceae    | Valeriana     | Raiz                  | VIEGI et al 2003<br>ALONSO, 1998      |
| Nepeta cataria L.       | Lamiaceae        | Mentrassto    | Partes aéreas da flor | BERSCHNEIDR, 2002<br>CUNHA et al 2003 |
| Passiflora alata        | Passifloráceas   | Maracujá      | Toda planta           | CAVALCANTI, 1997<br>ALONSO, 1998      |
| Humulus Lúpulus         | Canabináceas     | Lúpulo        | Cone ou estróbilo     | CAVALCANTI, 1997<br>CUNHA et al 2003  |
| Ginseng                 | Araliáceas       | Panax ginseng | Raiz                  | CAVALCANTI, 1997<br>ALONSO, 1998      |
| Fumaria Officinalis     | Fumariaceas      | Fumária       | Flores                | CAVALCANTI, 1997<br>ALONSO, 1998      |

## COMENTÁRIOS E CONCLUSÃO

O uso de plantas medicinais é uma prática que vem se mantendo em evidência pelos valiosos ensinamentos propagados por todas as nossas gerações passadas garantindo assim, a base milenar do uso de plantas medicinais no tratamento de doenças, podendo tomar o lugar de muitos fármacos médicos veterinários ou humanos e muitas vezes podem ser usadas simultaneamente.

A facilidade na obtenção das plantas, o baixo custo, a eficiência na prevenção e no tratamento de doenças são fatores que contribuem para o uso freqüente das mesmas, aumentando assim, a procura por produtos fitoterápicos, tornando-se uma alternativa viável para a saúde humana e animal, além de proporcionar melhoria na qualidade de vida.

Comparadas as suas contrapartes farmacêuticas, as plantas medicinais demonstram uma ação mais lenta e mais profunda dando assistência ao processo de cura, ajudando o corpo a eliminar e a se desintoxicar, não agredindo o meio ambiente, (o que pode ocorrer no caso do uso de produtos químicos para controle de população de insetos); não oferecendo perigos ao homem e cuidando assim do problema que os sintomas estão expressando, além do preço ser mais acessível. Portanto, as vantagens conseguidas no tratamento com plantas medicinais, são inegáveis e a excelente relação custo/benefício, ou seja, ação biológica eficaz com baixa toxicidade e efeitos colaterais, deve ser aproveitada, uma vez que a natureza oferece gratuitamente a cura para as doenças sendo esta terapia já reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Na saúde animal, o emprego da fitoterapia é pouco abordado e explorado, portanto; este trabalho visa proporcionar aos profissionais da medicina veterinária e farmacêuticos novos conhecimentos e ações que possibilitarão um tratamento de plantas medicinais em animais de estimação.

A idéia de que o tratamento com plantas é simplesmente fazer um chá de folhas, faz com que as pessoas acabem usando partes da planta sem princípio ativo, quanti-

dade insuficiente ou exagerada, podendo gerar na maioria das vezes, ineficiência no tratamento ou alguma indisposição passageira pelo uso abusivo, pois elas apresentam toxicidade dependendo da dosagem ou da parte utilizada e podem apresentar ação sinérgica (interação com outras drogas). Por isso, devemos lembrar que antes de adotar a fitoterapia como terapêutica, é imprescindível a consulta a um especialista, que a partir da observação dos sintomas manifestados, descobrirá as causas da doença e irá traçar as diretrizes do tratamento para o animal.

O médico veterinário prescreve o fitoterápico de acordo com a patologia apresentada e juntamente com o farmacêutico, pode decidir a dosagem de acordo com o peso do animal e a melhor forma de obtenção do ativo e administração do medicamento para o animal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, J. R; *Tratado de Fitomedicina, Bases Clínicas y Farmacológicas*. Argentina: ISIS, 1998. p 175, 238, 327, 342, 348, 354, 365, 448, 539, 573, 605, 612, 634 - 635, 658, 690, 718, 725, 767, 828, 852, 884, 888, 911.
- ANSEL, C. H; PRICE, J. S; *Manual de Cálculos Farmacêuticos*; São Paulo: Artmed, 2005. p 194 - 198.
- BERSCHNEIDER, H. M; *Complementary and Alternative Veterinary Medicine and Gastrointestinal Disease. Clinical Techniques in Small Animal Practice*, Vol 17. p 19 - 24, 2002.
- BICHARD, S. J; SHERDING, R. G; *Manual Saunders, Clínica de Pequenos Animais*; São Paulo: Roca, 1998. p 739, 745, 753.
- BRASIL. Ambiente Brasil. Introdução à Fitoterapia; Disponível em: [http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=/agropecuário/index.html&conteudo=/agropecuário/artigos/intro\\_fitot.html](http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=/agropecuário/index.html&conteudo=/agropecuário/artigos/intro_fitot.html). Acesso em 10 Jul. 2006.
- BRASIL. Diário do Comércio e Indústria. Fitoterápico chega a hospitais e veterinária. Disponível em: [http://www.sebrae-sc.com.br/novos\\_destques/opportunidade/mostrar\\_materia.asp?cd\\_noticia=7190](http://www.sebrae-sc.com.br/novos_destques/opportunidade/mostrar_materia.asp?cd_noticia=7190). Acesso em 15 Agos. 2006.

- BRASIL. Herança Ecológica. Fitoterapia. Disponível em: <http://www.herancaecologica.com.br>. Acesso em: 17 Ago 2006.
- BRASIL. Jornal da Comunidade. Terapias naturais para pets. Disponível em: <http://www.jornaldacomunidade.com.br>. Acesso em: 20 Jul 2006.
- BONTEMPO, M; *Medicina Natural*; São Paulo: Nova Cultural, 1994. p 356.
- CARVALHO, J. T. C; *Formulário Médico Farmacêutico de Fitoterapia*; Alfenas MG: Ciência Brasília, 2005. p 3 - 4, 6.
- CAVALCANTI, M;. *A importância dos flavonóides naturais na Medicina Veterinária e na Terapia do Stress de animais de companhia*. 1997. 50p. Dissertação (Mestrado - Área de Fitoterapia) – FACIS – Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo, São Paulo.
- CUNHA, A. P; SILVA, A. P; ROQUE, O. R; *Plantas e Produtos vegetais em Fitoterapia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p 100, 102, 114, 166, 186, 198, 358, 378, 398, 420, 450, 470, 524, 572, 588, 602, 634.
- GUARRERA, P. M; FORTI, G; MARIGNOLI;. Ethnobotanical and ethnomedicinal uses of plants in the district of Acquapendente (Latium, Central Italy). *Journal of Ethnopharmacology*. Vol 96. p 441, 2004.
- HAMMOND, J. A; FIELDING, D; BISHOP, S. C;. Prospects for plant anthelmintics in tropical Veterinary Medicine. *Veterinary Research Communications*. Vol 21. p 214, 217, 1997.
- LANS, C; HARPER, T; GEORGES, K; BRIDGEWATER, E;. Medicinal plants used for dogs in Trinidad and Tobago. *Preventive Veterinary Medicine*. Vol 45. p 207 - 210, 213-214, 2000.
- MAURY, E. A; RUDDER, C; *Guia das plantas Mediciniais*; São Paulo: Ridel, 2002. p 75 - 76.
- OLIVEIRA, F; AKISUE, G; *Fundamentos de Farmacobotânica*; São Paulo: Atheneu, 1995. p 67, 83, 95, 101, 113, 129, 191.
- OLIVEIRA, F; AKISUE, G; AKISUE, M. K; *Farmacognosia*; São Paulo: Atheneu, 1998. p 237, 345.
- OLIVEIRA, M. P. B; SOUSA, D. P; FAUSTINO, M. A. G; ALVES, L. C; WANDERLEY, A. G; ARRUDA, A. C; ARRUDA, M. S. P; RIBEIRO, A. R; *Avaliação da atividade biológica de extrato de neem (zadirachta indica A.) larvas de musca domestica L*. 2005. Trabalho desenvolvido com apoio do CNPq, uma entidade do Governo Brasileiro voltado ao desenvolvimento científico e tecnológico. Rio de Janeiro. p 1 - 2.
- PIERONI, A; HOWARD, P; VOLPATO, G; SANTORO, R. F;. Natural Remedies and Nutraceuticals used in Ethnoveterinary Practices in Inland Southern Italy. *Veterinary Research Communications*. Vol 28. p 55-56, 75-76, 2004.
- STEIN, A. C; SORTINO, M; AVANCINI, C; ZACCHINO, S; POSER, G. V;. Ethnoveterinary medicine in the search of antimicrobial agents: Antifungal activity of some species of *Pterocaulon* (Asteraceae). *Journal of Ethnopharmacology*. Vol 99. p 212 - 213, 2005.
- STEIN, D; *A cura Natural para Cães e Gatos*; São Paulo: Ground, 1993. p 41, 45, 47- 48, 135, 140-141, 148, 150 - 151.
- TESKE, M; TRENTINI, A. M; *Compêndio de Fitoterapia*; Curitiba: Herbarium, 2004. p 3, 8 - 9.
- VIEGI, L; PIERONI, A; GARRERA, P. M; VANGELISTI, R;. *A review of plants used in folk veterinary medicine in Italy as basics for a databank*. *Journal of Ethnopharmacology*. Vol 89. p 223 -233; 240, 2003.
- YUNES, Rosendo; PEDROSA, Rozangela Curi; FILHO, Valdir Cechinel; São Paulo. *Fármacos e fitoterápicos: a necessidade do desenvolvimento da indústria de fitoterápicos e fitofármacos no Brasil*. Química. Nova, Fev 2001, vol.24, no.1, p.147-152.
- YWATA, C; ANTÔNIO, J. CORDEIRO, R; *Medicina Natural*; São Paulo: Três, 2005. p 35.